

**USANDO PALAVRAS DE AVE PARA ESCREVER: O TEXTO POÉTICO DE
MANOEL DE BARROS EM AULAS DE LITERATURA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

André Luís Mourão de Uzêda (UFRJ)¹

*Para Maria Lúcia Guimarães de Faria,
com admiração e carinho.*

*É mais do que nunca necessária a
poesia. Para lembrar aos homens o valor
das coisas desimportantes, das coisas
gratuitas.*

Manoel de Barros

A epígrafe que abre essa comunicação reivindica o fundamental espaço no mundo contemporâneo para o que é banal. Em tempos de grande fluidez nas relações humanas, em meio à comunicação efêmera propiciada pela revolução tecnológica nos meios digitais, a sociabilidade virtual é a nova faceta do bloco do eu sozinho. O fetichismo em torno da tecnologia móvel valoriza o consumo da inovação ultrapassada. Aviltariam novos perigos os acentuados paradoxos da geração *terabyte* para o ensino do que é desimportante?

Ao falar em perigo, dialogo diretamente com Tzvetan Todorov, ao nos provocar com seu título *A literatura em perigo* (2010). Entre os mais conservadores, ecoam os gritos de que “a língua está morta”, “ninguém mais sabe português”. E de que, enfim, o “internetês aniquilou o vernáculo”. É chegado o fim dos tempos, em que nós, professores, seremos substituídos pela Wikipédia. O velório já conta com evento marcado pelo facebook, e é anunciado em todos os grupos de whatsapp, que reproduzem a mensagem com um simples ctrl c + ctrl v. O senso comum atrela o fim da palavra ao avanço tecnológico entre nossos estudantes.

¹ Mestre em Letras (Ciência da Literatura) pela UFRJ e professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Colégio de Aplicação da UFRJ.

Mas não é deste perigo de que trata Todorov. O perigo refere-se à redução da literatura ao ensino retórico, escolástico e historicista, na redução do texto ao seu contexto. Refere-se ao perigo da palavra poética reduzida ao nível do pedestal, do busto de praça, do fardão. Ao perigo da palavra-signo, significante, significado. Da palavra que se contenta em significar. E, no entanto, ecoa a proposição: “é mais do que necessária a poesia”. A pergunta que se coloca de imediato é: “mas para quê?”. Quem nos responde é o próprio poeta Manoel de Barros: “para nada”.

A seguinte comunicação tem como objetivo apresentar os resultados do trabalho realizado durante um trimestre com a poesia de Manoel de Barros em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental no Colégio de Aplicação da UFRJ. Muitos “perigos” se impuseram no desenvolvimento dessa proposta. Currículo, motivação, avaliação, políticas educacionais, entre tantos outros fatores, são apenas algumas das pedras no meio do nosso caminho em busca pelo prazer do texto poético de que nos fala Roland Barthes (2008). E, no entanto, encarei o desafio de se trabalhar, com zelo, a leitura da palavra poética em nossas aulas de literatura. Para tanto, tinha em mente um único propósito bastante claro e definido: aprender a usar palavras de ave para escrever. Sobre o quê? Sobre o *nada*.

Tradicionalmente, o currículo de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental engloba três áreas de atuação de nosso campo: literatura (no que se insere a interpretação textual, de modo amplo e genérico, sem necessariamente referir-se à interpretação do texto literário), gramática e produção textual. Muitas vezes, essas áreas são trabalhadas isoladamente, de modo estanque, havendo inclusive uma divisão nos tempos de aula formalmente da grade (“aula de literatura”, “aula de redação” e “aula de português”). Na prática, esse trabalho isolado acaba priorizando o que o senso comum definiu por ensino “de português” – os tópicos gramaticais e o ensino da norma culta da língua – de modo que a literatura acaba sendo muitas vezes mero suporte textual para o trabalho de análise gramatical, entre aspectos morfológicos e sintáticos, enquanto que a produção textual consolida-se como o momento em que se verifica a aplicabilidade da norma tradicional à escrita. Nesse sentido, é primordial questionarmos, junto com Todorov, em que medida nós, professores, somos os responsáveis por expor a literatura ao “perigo”. Seguindo esse modelo, estamos liquidando qualquer possibilidade de gosto

pela palavra, tornada *in-significante*. Em uma zona de conforto, apelamos para o que nos é externo: a tecnologia é a grande vilã do ensino na atualidade.²

Ao defender a leitura prazerosa do texto literário no Ensino Fundamental, em especial do texto poético, intuía recuperar a busca por esse “nada”, a palavra poética a serviço “de nada”. Portanto, não cabia nessa proposta uma seleção antológica de poemas de diversos autores que servissem de suporte para compreender o poema enquanto gênero, na clássica divisão aristotélica que definia o texto literário em épico, dramático ou lírico. Nesse sentido, o desafio que se colocava era o de incorporar de fato entre nós a mundividência poética de um determinado autor específico, sem que, contudo, caíssemos no perigo de nos ater à vida biográfica do poeta selecionado ou ao contexto histórico do seu tempo de produção. De tal modo que, fugindo da antologia poética, optei por adotar um *livro de poesia* como leitura paradidática para um trimestre.

Nesse ponto, cabe aqui fazer um importante adendo: é certo que, ao longo de suas vidas escolares, nossos alunos entram em contato com muitos poemas e com a poesia de diversos autores e sua vasta produção literária. Mas poucas vezes damos a oportunidade de fazê-los entrar em contato com um livro de poesia de um único autor. Falta ao aluno a compreensão de que a ordenação dos poemas no livro, por exemplo, faz também parte do processo de criação poética. E mais do que isso, falta-lhe ainda a compreensão de que o poema não é uma unidade isolada no livro, mas um componente que dialoga organicamente com a construção artística e poética criada pelo autor.

Isso posto, passemos agora à escolha por se trabalhar, no vasto universo de nossa poesia, com o poeta Manoel de Barros. Se particularmente não entendo a tecnologia como a grande vilã no atual cenário educacional brasileiro, tampouco não a excluo de todo. Sabemos que trabalhar a motivação dos alunos, em especial dos que estão entrando na adolescência, é um dos maiores desafios nas práticas pedagógicas. O aluno precisa, antes de tudo, ser *afetado* para deixar de lado – ainda que por tempo limitado – o interesse pelo aparelho celular, por exemplo. Tendo em mente que nada melhor do que a palavra poética para tocar pelo afeto, eu apostava incondicionalmente no poder transformador e subversivo da poesia.

Talvez a relação entre subversão e Manoel de Barros não seja acessada de imediato. A poesia do autor mato-grossense é muitas vezes associada à natureza, ao campo e ao pantanal – a chamada “ecologia poética” de que fala Alberto Müller (2011).

² Para mais a esse respeito, ler: CHIAPPINI, Ligia. *Reinvenção da catedral – língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino*. São Paulo: Cortez, 2005.

Ao falar de subversão, contudo, não me refiro necessariamente a um fator político ou social, mas a uma subversão no âmbito do “transvisual”. A máxima da poética de Manoel de Barros – “é preciso transver o mundo” – precisava ser digerida pelos alunos para compreender o real sentido de que “só os absurdos enriquecem a poesia” (BARROS, 2010, p.10). A fantasia em detrimento da realidade, a subversão da ordem pelo potencial imaginativo do autor, a recriação do real pelo ficcional. Poiésis.

Também me interessava, na escolha por se trabalhar com Manoel de Barros, o caráter subversivo da linguagem. Sendo a introdução à morfossintaxe do período simples um dos mais complexos componentes curriculares da disciplina no 7º ano, o rompimento da lógica sintagmática tão característico na obra do autor serviria como um contraponto importante para que os alunos compreendessem que, na poesia, “nossas palavras se ajunta[m] uma na outra por amor e não por sintaxe” (BARROS, 2010, p.11).

E, enfim, para propiciar de fato a subversão, cabia o desafio de selecionar qual seria, dentre tantos de sua obra, o livro adotado. A seleção pela leitura de *Menino do mato* deveu-se pela forte presença do que Rafael Mendes chamou de “mundividência pueril” (Cf. MENDES, 2010), tão enraizada na obra. Esse, sem dúvida, era um importante aspecto a se valorizar em um momento de transição entre a infância e a adolescência em que se encontravam naquele momento nossos alunos. Além disso, a disparidade de realidades entre o sujeito-poeta (então com 94 anos) e o sujeito-lírico do poema (a criança) permitiria aos alunos assimilarem a distinção entre autor e o chamado “eu-lírico”. Ou, como prefere o poeta, a distinção entre um ser que é “biológico” e outro que é “letral”. Estava dada a largada para as peraltagens com a linguagem.

Menino do mato, publicado em 2010, é o penúltimo livro lançado ainda em vida pelo poeta. Se é fato que a mundividência pueril seja uma recorrente em sua obra, talvez com *Menino do mato* o autor tenha desenvolvido a perspectiva da criança de maneira mais amadurecida e bem resolvida. O livro se divide em duas partes. Na primeira, “Menino do mato”, seis poemas relativamente longos, quando comparados aos da segunda parte, apresentam o sujeito-lírico consciente de sua condição poética pueril que ilustram seu amadurecimento poético na busca pelas “palavras de ave para escrever” (BARROS, 2010, p.9). Aqui, a criança, mais do que um *alter ego* do poeta, é na verdade um desdobrar-se em si mesmo, que vela, desvela e revela o próprio processo de

recriação do poeta no sentido de “desver o mundo” pelos olhos do menino. É esse “menino do mato” seu maior mestre, que lhe ensinou a alcançar as palavras que “perturba[m] os sentidos normais da fala” (BARROS, 2010, p.12) e esgarçam os limites da linguagem para além do referencial, alcançando o caráter fundamentalmente poético.

A segunda parte do livro, “Caderno de aprendiz”, demonstra poeticamente o passo a passo desenvolvido pelo poeta para alcançar a sua maturidade essencialmente pueril. 36 textos compõem o percurso dessa trajetória registrado no que seria um caderno de anotações. São pequenos poemas, quase à forma de hai-kais, que trazem à tona alguns dos maiores aprendizados do poeta – desdobrado em sujeito-poético – durante esse processo. Transcrevemos alguns a título de exemplificação:

8

Para cantar é preciso perder o interesse de informar. (BARROS, 2010, p.39)

9

Pra meu gosto a palavra não precisa significar – é só entoar. (BARROS, 2010, p.39)

16

Visão é recurso da imaginação para dar às palavras novas liberdades? (BARROS, 2010, p.55)

No trigésimo sexto poema do “Caderno de aprendiz”, o último do livro, encontramos, curiosamente, “O primeiro poema”. Ao longo de sua travessia poética, o poeta alcançou a sua maior maturidade infantil, atingiu o status de “menino do mato”. O esgarçamento do limite do texto referencial promoveu o que Elton Souza (2008) chamou de “deslimite” – “o processo que faz do inacabamento o estado sempre renovado que não deixa com que as coisas acabem, sendo então reinventadas pelo processo criativo” (SOUZA, 2008, p.16). A criança, ela mesma representação simbólica da renovação, promove o deslimite poético do mundo referencial pelos absurdos da poesia. Eis aqui os meandros misteriosos e enigmáticos do poder transgressor da literatura.

O maior desafio que se impõe nesse contexto, reafirmo, está em não deixar a palavra poética ao “perigo” abordado por Todorov. Como trabalhar tamanha abstração da linguagem com nossos alunos do Ensino Fundamental sem que se caia no erro de colocar a literatura a serviço do que é útil? Devemos buscar traduzir o poema enquanto um “inutensílio”, como disse o poeta. É preciso que o aluno se identifique com o texto que lê, que de algum modo partilhe das mesmas experiências sensoriais. Para isso, é necessário tirá-lo da sua zona de conforto, confrontá-lo com os absurdos da palavra poética, reinventar a linguagem ao posto de travessura. Por outro lado, enquanto professores, nós também precisamos mediar os sentidos do texto ao contexto do nosso alunado, que de algum modo passa a partilhar daquela mesma realidade. Agora, então, exponho a seguir os caminhos método-*ilógicos* percorridos no processo de aprendizagem do uso das palavras de ave para escrever.

O primeiro passo era ampliar os horizontes imaginativos dos alunos, pô-los para exercitar a capacidade de transver o mundo. Optei por exibir o documentário “Só dez por cento é mentira”, de Pedro Cezar, para introduzi-los ao universo do poeta Manoel de Barros. No filme, um exercício muito simples ilustrava bem o poder inventivo da prática da “transvisão”: muros de pintura desgastada serviam de base para visualizar as mais diversas formas: casas, animais, vegetais, homens. Os alunos foram provocados em seguida com um exercício semelhante, transvendo realidades também em imagens de outros muros desgastados. Em paralelo, foi necessário mediar a prática do transver para contextos mais próximos da realidade de mundo dos alunos. Com esse fim, recorri aos quadrinhos de Calvin e Haroldo, criados pelo norte-americano Bill Watterson. O menino inventivo de cabelos espetados transvê sua realidade circundante a todo tempo, imaginando que seu tigre de pelúcia é, na realidade, um tigre de verdade que o acompanha em todas as suas traquinagens.

O segundo passo era trabalhar alguns conceitos poéticos importantes que estão dentro do conteúdo programático do sétimo ano dentro da obra de Manoel de Barros. Além do desgastado conceito de “eu-lírico”, o qual passamos a chamar de “ser letral”, como dito anteriormente, os alunos entraram em contato com os conceitos de metalinguagem, conotação e denotação da linguagem e neologismo. Todos foram traduzidos para a mundividência de Manoel de Barros, de modo que esses conteúdos curriculares não foram vistos de modo estanque ou aleatórios, mas sempre fazendo referência ao universo pueril do menino do mato.

Por fim, uma vez imersos e absorvidos pela visão de mundo do poeta, os alunos se viram diante de um novo desafio: a produção escrita de um poema utilizando as palavras de ave para escrever em um processo parecido com a proposta dadaísta – aquela em que se sorteiam palavras aleatórias para a escrita da poesia. Atualmente, o formato enrijecido exigido pelo Exame Nacional do Ensino Médio, bem como dos demais vestibulares, vem cada vez mais cedo aniquilando o potencial criativo dos nossos alunos, sempre tão preocupados com a normatividade da escrita. Em uma lógica oposta, acredito piamente ser fundamental que os alunos exercitem sempre a liberdade criadora propiciada pela capacidade de transver o mundo de que fala Manoel de Barros. Somente a imaginação pode libertar-nos de nossas amarras, e nesse sentido nada melhor do que a poesia para nos salvar. Os poemas dos alunos, cada um mais criativo do que o outro, foram expostos no evento literário da escola e fizeram um enorme sucesso entre a comunidade escolar.

Ao final do terceiro trimestre daquele ano letivo, fomos pegos de surpresa pela triste notícia da morte do poeta Manoel de Barros, em 13 de novembro de 2014. O incômodo inicial com aquele poeta esquisito, cuja poesia estranha inquietava nossos alunos rebeldes e desinteressados pelo texto poético, agora revelava uma grata alegria. Os estudantes do sétimo ano ficaram profundamente entristecidos com o seu falecimento e quiseram, de alguma forma, homenagear o poeta. Ali senti que os alunos estavam, enfim, imersos no universo poético de Manoel de Barros.

No dia 24 de novembro, passada a semana de provas, colorimos o pátio central da escola com balões pendurados no teto, dos quais pendiam barbantes em cujas pontas amarramos vários poemas transcritos dos diversos livros do poeta que estavam disponibilizados no acervo da biblioteca da escola. Durante os intervalos, os alunos distribuíram outros tantos poemas do autor aos alunos, professores e funcionários do colégio, explicando-lhes o sentido da homenagem. Para fecharmos a homenagem com chave de ouro, ainda contamos com a palestra da professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFRJ Maria Lúcia Guimarães de Faria, a quem dedico esse texto, com meu mais sincero agradecimento por nos ensinar um pouco mais sobre a desimportância de se usar palavras de ave para escrever.

Referências

BARROS, Manoel de. *Encontros: Manoel de Barros*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

BARROS, Manoel de. *Menino do mato*. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MENDES, Rafael. “Manoel de Barros e o gorjeio azul da palavra pousada na infância: o transver em Manoel de Barros”. In: BASTOS, Dau (org.). *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*. Disponível em: <http://www.forumdeliteratura.com.br/artigos/artigos-6-edicao/37-o-transver-em-menino-do-mato-de-manoel-de-barros>. Acesso em: 27 jun. 2015.

MÜLLER, Alberto. “A ecologia poética de Manoel de Barros”. In: *Revista Palavra: SESC Literatura em Revista*. Ano 3, número 2. Rio de Janeiro: SESC, 2011.

SOUZA, Elton Leite Luiz de. *Manoel de Barros: a poética do deslimite*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.